

COLÓQUIO DOS VIOLENTOS

*No domínio da violência
Atropina e Gelsomina são frívolos. . .
O iodureto de mercúrio, arrogante,
O cianureto de mercúrio, cínico,
A corrente elétrica, um sábio,
O bióxido de carbono, um poeta.*

*(Escuro nome de um bairro antigo.
Velha farmácia em noite e em silêncio.
De súbito, porém, ouviu-se rumor de queda. E o grito de um ai!)*

Logo após uma queixa:

– O farmacêutico me deixou mal colocada
Na prateleira; a passagem de um inseto
Me fez cair; aqui estou derramada no chão. . .
E o meu vestido cor-de-cinza, sujo, em pedaços. . .
O vestido que fiz de fibrilhas finíssimas
Das raízes de um jasmineiro amarelo.

Uma outra voz, de um outro lado escuro:

– Quem está falando?
– Sou eu, Gelsomina, instantâneo, pacífico veneno;
Pois a morte por mim é insinuante e suave:
O que resta de mim na ameaça é um delírio.
– Avalie, minha amiga, se isto fosse comigo acontecido:
Em que estado ficaria o meu vestido branco,
O meu vestido novo, cor-de-cisne e de neve,
Presente de minha mãe BELADONA!
– Pelo que ouvi quem acabou de falar foi Atropina:
Costuma sempre elogiar este seu vestido de inocência,
Ela que é violenta e cruel, insensata e terrível!

Terceira vez, terceira voz, vem do mais fundo, fundo escuro:

– Atropina, Gelsomina, calem-se,

Estão perturbando o silêncio

Aqui, na farmácia, estão quebrando a paz

Dos que dormem tranqüilos.

– Agora, quem falou?

– Quem falou fui eu: Iodureto de Mercúrio.

Não sou veneno branco, nem cinzento;

Tenho uma cor firme, decisiva, absoluta,

Que não ilude ninguém:

Estou sempre vestido de vermelho de sangue,

Revestido com as vestes de um carrasco.

A cor de que me visto é a que deve usar

Todo veneno eficiente e ilustre

Todo veneno homem. Atropina, Gelsomina, Cicutina. . .

Pequenos venenos femininos e débeis, calem-se!

Não perturbem a tranqüilidade dos que vivem a dormir.

– E daí! Sou também veneno varão,

E não tenho esta cor berrante

Que com tanta jactância, o amigo

Anuncia. . . e que não traz vantagem nenhuma,

Pois afugenta, atemoriza os tímidos, os indecisos;

Não tenho a cor dos verdugos e dos cardeais;

Sou branco, níveo; branco como uma noiva,

Como a pedra de um sepulcro,

Como a mortalha de uma virgem.

– Quem é você assim tão importante e. . . insolente?

– Sou Cianureto de Mercúrio.

Alguém que ainda chega a ser seu parente;

Parente afastado. Talvez por isso não me conheça,

Mas somos da mesma família.

E como falou em insolência
Tenho razão de me sentir orgulhoso
Pois fui escolhido pela Grande Democracia do Norte
Para funcionar nas suas “câmaras de gases”;
Corre nas minhas veias o sangue nobre e negro de Mercúrio
Sangue que bole, que brilha, vibra como uma víbora.

(Um Oh! grande e geral soou nos ares da farmácia)

– Hum! Observo que todos, aqui, me conhecem,
Conhecem o meu poder e a minha fama,
Estão pensando. . . Estão, talvez, pensando
Em Bárbara Graham. . . a que . . .
A que queria viver. . . Hê! Hê! Hê! Hê!

*(Bárbara Graham . . . a torturada
Pela esperança pressentida e logo frustrada.
Torturada pela liturgia da própria tortura,
Pelos aparatos da antemorte)*

Neste momento, pequeno estalo se deu
No alto, no teto; pequena luz azulada
Brilhou, rápida, como um relâmpago;
Um silêncio maior desceu, ruiu como que fulminado.
Depois, uma voz vinda de cima
Circunvagou, cirandou o ar sombrio:
– Essa gente parece que decidiu
Importunar a todos que aqui estão hospedados,
Com essa conversa idiota
Sobre cousas velhas e ultrapassadas

Uma voz de medo, sumida, de treva úmida, indagou por fim.

– Quem está aí pendurado no forro
Capaz de cair sobre nossas cabeças,
E nos queimar a todos?
– Eu, “Corrente Elétrica”. Essa conversa
Tanto me aborreceu que estourei de raiva.
Porque têm medo de mim,
Os homens me encerraram em redes de fios,
E me conservaram aqui dentro a ouvir essas tolices.

Os homens, primeiramente, me pressentiram nas nuvens tem-
[pestuosas,

Nos grandes ciclones de longas viagens internacionais,
Descobriram depois que eu era o hálito do mundo,
O sopro da Matéria, no instante e na eternidade;
E, com medo de mim, me escravizaram
Dentro de grades atômicas cerradas;
Forçaram-me a fazer trabalhos humilhantes,
E, ao mesmo tempo, me entronizaram
Numa cadeira mágica, onde executo
Inocentes e culpados. Inocentes?
Por acaso há algum homem inocente?

Eles, os homens, estão porém muito enganados,
Pois não sou apenas o sopro da matéria,
Mas, sim, o hálito de Deus.
E de mim prenderam apenas um pequeno ramo,
Um dos tentáculos menores do grande polvo que sou eu,
E que abrange o universo inteiro.
Com o meu sopro total, sob a voz de Deus,
Um dia hei de esmagá-los. . .

Como a sombra projetada das últimas palavras,
Um silêncio voltou, feito das pausas ampliadas de duas vozes
[intermédias,

Inversas, coincidentes, contraditórias e contíguas.

Parecia que toda a conversação cessara.

Mas uma voz última-contida ainda se ouviu:

Vinha dos âmbitos mais profundos da casa,

Impenetráveis, de escuridão remota:

Do porão, da despensa, do banheiro, da cozinha. . .

Não se podia bem distinguir de onde é que vinha:

– No princípio, os homens tinham medo da morte,

Das grandes chuvas desmoranantes,

Da sombra das árvores, das folhas, dos espinhos venenosos;

Tinham medo das feras e das serpentes.

Nesse temor constante e crescente

Fugiram, se abrigaram nas casas das cidades;

Mas aí, de novo, junto deles, surgiu o perigo,

Junto deles, ameaçadores, estão os fluxos eletrônicos,

Em redes de tubos, os gases que asfixiam.

– Serpentes de mortal veneno.

Uma voz inda mais última e esmagada

Se levanta nas pontas extremas de uma pergunta:

– Vós quem sois, que já depois de tudo,

E o de que tudo se fez surdo silêncio,

Ainda vindes falar e discutir?

– Quem sou? Sou. . . o Bióxido de Carbono.

Vivo também preso, contido, estrangulado;

E quando, por um momento, solto me deixam,

Me põem sempre na boca uma mordança de fogo.

Somente uma vez, consegui sair por mais tempo
Desta minha prisão, há já alguns anos;
Não vivia ainda nesta farmácia:
– Estava meio sonolento no meu canto
Quando, de súbito, senti uma claridade,
E vi que estava aberta a porta do meu cárcere.
Desconfiado, olhei para fora:
Era um lugar muito bonito,
Revestido de vidros coloridos,
Com vasos brilhantes, jarros com flores,
Toalhas e painéis multicores. . .
Devagar fui saindo com precaução e cuidado,
Para que não me sentissem passar,
Para que não me obrigassem a voltar.

Atravessei a porta da sala onde estava,
e olhei em torno novamente.
Era um lugar muito mais bonito ainda:
Tinha espelhos, cortinas, vestidos de rendas sobre cadeiras,
Tapetes, almofadas pelo chão.
Ao centro estava um leito coberto por um manto
E sobre ele dois jovens dormiam:
Um rapaz e uma moça, nus, abraçados.
Dormiam, louros ambos, muito jovens,
Formosos. . .

Deles me aproximei, devagar. . . devagar.
Me aproximei e fui, aos poucos, envolvendo-os,
Acariciando-lhes os cabelos, tão macios,
Incorporando-me á beleza daquele sono,
Misturando-me ao ritmo da sua respiração;
Nas minhas redes mais finas embalei-os.

Formosos!

E eles continuaram a dormir, enlaçados,
A dormir. . . sempre a dormir. . .